

Capítulo

14

A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À PRÁTICA
DA LEITURA EM TURMAS DO 6º ANO PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES ORAL

E ESCRITA



**A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À PRÁTICA DA LEITURA EM TUR-
MAS DO 6º ANO PARA O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES
ORAL E ESCRITA**

**THE IMPORTANCE OF ENCOURAGING THE PRACTICE OF READING
IN 6TH GRADE CLASSES FOR THE DEVELOPMENT OF ORAL AND
WRITTEN SKILLS**

Joseane Paulo Souza¹

Resumo: Este artigo trata da importância do incentivo à prática da leitura em turmas do 6º ano para o desenvolvimento das habilidades oral e escrita, fazendo referência ao papel da família, da escola e, também, ao desafio do professor na sala de aula quanto facilitador da aprendizagem. O objetivo principal foi apontar a problemática da falta de leitura e sua influência no exercício da escrita, suas consequências no processo de ensino aprendizagem e seus reflexos no comportamento dos alunos, mostrando, ainda, que para o desenvolvimento de tais habilidades se faz necessário um verdadeiro comprometimento com a educação. Como metodologia, foi adotada a pesquisa bibliográfica, mostrando teorias de FREIRE (1997), MAIA (2013), PORTO (2009) E SOLÉ (1998), que ao exporem o sentido que o conhecimento dá às relações dentro e fora da escola, reforçam e fundamentam todo o tema tratado.

¹ Mestre em Ciências da Educação: Formação Educacional, Interdisciplinaridade e Subjetividade pela Universidad Interamericana-Paraguay. joseanepaulo@hotmail.com, <https://lattes.cnpq.br/0237536385105402>



Palavras chave: Aluno. Leitura. Professor.

Abstract: This article deals with the importance of encouraging the practice of reading in 6th grade classes for the development of oral and written skills, referring to the role of the family, the school, and also the challenge of the teacher in the classroom as a facilitator of learning. The main objective was to point out the problem of the lack of reading and its influence on the exercise of writing, its consequences on the teaching-learning process and its reflections on the behavior of the students, also showing that for the development of such skills it is necessary a true commitment to education. As a methodology, bibliographical research was adopted, showing theories by FREIRE (1997), MAIA (2013), PORTO (2009) AND SOLÉ (1998), which, by exposing the meaning that knowledge gives to relationships inside and outside school, reinforce and substantiate the whole theme treated.

Keywords: Student. Reading. Teacher.

INTRODUÇÃO

A leitura se constitui em um dos meios à formação de uma sociedade consciente, e, sendo assim, devem ser viabilizados espaços para que o aluno desenvolva o gosto pelo hábito de ler. Para que esse processo se realize significativamente são fundamentais as intervenções da família e, principalmente, da escola, uma vez que há alunos que têm pouco ou nenhum contato com a leitura em seu ambiente familiar e, por isso apresentam dificuldades em seu processo de aprendizagem.



Decorrente dessa carência faz-se, então, necessário um trabalho que desperte o gosto discente pela leitura e que leve-o a fazer do ato de ler um hábito. O contato diário com alunos tornou viável constatar uma diversidade de inconveniências no contexto escolar, porém o que realmente trouxe à tona vários questionamentos foi a deficiência que grande parte do alunado, principalmente turmas de 6º ano, tem em ler e inferir sobre o que leem, mesmo estando no Ensino Fundamental II.

Isso nos levou a refletir sobre a importância do incentivo à prática da leitura para o desenvolvimento das habilidades oral e escrita, visto que toda dificuldade não se resume somente em fatores biológicos e psicológicos como falta de percepção, atenção, memória ou requisitos básicos para a elaboração do conhecimento escolar, mas também em fatores extra-escolares e intra-escolares tais como: ensino inadequado feito por meio de currículos obsoletos, falta de incentivo e fatores socioeconômicos e culturais.

Essa reflexão, em meio a problemática existente, serviu de motivação para que esse trabalho se realizasse, tendo como base teórica as concepções de vários autores, dentre eles: Antunes (2013), Freire (1996), Maia (2007), Pietri (2007), Porto (2009), Solé (1998) dentre outros.

A importância dessa pesquisa reside em considerar que família e escola precisam caminhar justas e esta última, precisa referenciar o trabalho com a leitura na sala de aula quanto fator essencial para a formação de bons leitores. E quando, aqui, se fala em bons leitores, estamos nos referindo a capacidade que cada aluno precisa ter. Ler e inferir sobre o que é lido.

É importante ressaltar que as estratégias de leitura e o incentivo a sua prática não é uma ação que deve ser trabalhada com vigor somente nas séries iniciais, pois ela é construída ao longo da vida escolar, merecendo destaque também no Ensino fundamental II, visto que é justamente essa uma das etapas em que o aluno precisa tomar conhecimento do mundo que o cerca e ao mesmo tempo posi-



ciona-se diante dele.

Nesse sentido, a prática do professor na sala de aula atua de forma decisiva no processo de ensino-aprendizagem, pois “o ensino das estratégias de leitura ajuda o aluno a utilizar seu conhecimento, a utilizar inferências e a esclarecer o que não sabe.” (SOLÉ, 1998).

Quando o aluno não recebe incentivo para ler em seu ambiente familiar e, sobretudo, na escola, ele se torna excluído da sociedade. Por essa razão, mesmo que a família, na maioria das vezes, não cumpra com a sua obrigação, cabe a escola, na pessoa do professor, trabalhar em função da aprendizagem, já que a educação é o maior patrimônio da humanidade.

Este trabalho está dividido em três seções conforme a apresentação a seguir: a primeira trata da leitura como uma convenção essencial para interligar o aluno ao mundo que o cerca. A segunda seção apresenta as dificuldades encontradas no desempenho da leitura em turmas do Ensino Fundamental II em especial no 6º ano e a terceira e última seção faz uma abordagem ao papel do professor no incentivo à prática da leitura, mostrando que ensinar é um verdadeiro desafio e que requer muito empenho, dedicação e responsabilidade.

LEITURA: UMA CONVENÇÃO ESSENCIAL PARA INTERLIGAR O ALUNO AO MUNDO QUE O CERCA

Com o desenvolvimento científico e tecnológico, que é característica marcante da sociedade contemporânea, nota-se que a leitura cada vez mais tem se tornado um elemento indispensável para a inserção do indivíduo no meio social, levando-o ao acesso a uma enorme gama de informações e conhecimentos que serão de fundamental importância para que possa interagir de forma mais cons-

ciente na sociedade.

Concepções de leitura e a interlocução com o leitor

Como início da abordagem do tema deste trabalho voltado, essencialmente, para a importância do incentivo à prática da leitura para o desenvolvimento das habilidades oral e escrita, vale ressaltar algumas de suas concepções, pois saber ler ou atribuir significados ao que lemos é de extrema importância à realidade social letrada em que vivemos.

Nos dicionários encontramos várias definições para a palavra leitura, como a seguinte: Ato, arte ou hábito de ler. Operação de percorrer em um meio físico, sequências de marcas codificadas que representam informações registradas e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento). Aurélio (p. 453).

Com isso é possível afirmar ainda que o ato de ler é conhecer um espaço sem tê-lo visto, é conhecer um mundo nunca percorrido, é entender diferentes ângulos a partir de um simples texto. Na leitura o leitor encontra apenas palavras, cores e símbolos dependendo do âmbito descrito, não há um personagem para aprimorar ou facilitar a decodificação da mensagem com gestos ou conversações. O próprio cognitivo é responsável por esquematizar o que é lido e formular hipóteses para a pessoa que lê possa descobrir a mensagem exposta.

Levando em consideração a concepção interacionista em que “a leitura é entendida como um processo de produção que se dá a partir da relação dialógica que acontece entre dois sujeitos- o autor do texto e o leitor” PORTO (2009), percebemos que no processo de compreensão textual o papel de quem escreve o texto é tão importante quanto o papel de quem o lê, pois se o autor deve ter habilida-

des na hora de registrar as suas ideias, o leitor precisa ter competência o suficiente para compreender a mensagem que quer ser transmitida pelo autor. Nesse sentido, acontece um processo de leitura interativo onde um depende da ação do outro. Na sala de aula o processo se assemelha, uma vez que o professor e o aluno interagem entre si.

Solé (1998) ressaltou em outro texto (Solé 1998^a) que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”. Nesse sentido, percebemos que ao ler o leitor tem um objetivo que é retirar algum proveito do que ler para que a leitura seja satisfatória e, conseqüentemente, compreendida.

No 6º ano do ensino fundamental, por exemplo, em que o aluno é retirado de uma leitura mecânica, essa que se volta para a decodificação de códigos e sinais, o desafio do professor é, justamente, ensinar estratégias de leitura diferentes que exigem não só a observação, mas a inferência sobre o que lê, de modo que desperte o interesse do leitor sem desprezar seu conhecimento prévio. Pois “a compreensão textual é possível graças aos conhecimentos prévios que o leitor possui e a interação desses conhecimentos no momento da leitura” PIETRI (2009, p. 21).

A perspectiva adotada no livro *Estratégias de Leitura* (Solé, 1998, p. 23) - perspectiva interativa: Rumelhart, 1977; Adams e Collins, 1979; Alonso e Mateos, 1985; Solé, 1987b; Colomer e Camps, 1991- afirma que:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimento prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias.

Assim, percebemos que depende de cada um compreender o que ler, quanto maior for seu nível de conhecimento de mundo, linguístico e sociocultural, maior é o nível de compreensão leitora.



É a pessoa que ler o maior responsável por sua formação ou competência leitora, já que ler é ir além de compreender o que está escrito com letras. Sobre isso, Pasolini, (2010, p. 25) afirma: “Ler significa inferir o que está nas entrelinhas, intertextualizar, perceber a intergenericidade, contextualizar, compreender as muitas linguagens e construir significados”.

Segundo Geraldi (1996 apud Maia 2010) “ler é um ato de interação e interlocução”. Dessa forma, o leitor concebe de diversas maneiras as informações necessárias a sua atuação como ser ativo, participativo no meio social com uma capacidade libertadora de inferir sobre o que ler. Para isso a pessoa passa por estágios de formação no decorrer do tempo sem perceber.

O contato de cada pessoa com o universo letrado é o que faz as pessoas buscarem ingressar no âmbito escolar, com o intuito de formar-se e informar-se a respeito do mundo no qual estão inseridos. Segundo Silva (1987 p. 45 apud Maia, 2010, p. 28) “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

Nessa dimensão, vale ressaltar que o aluno não carece somente de apropriação interna como: emocional tranquilo, cognitivo preparado, consciência e vontade de estudar. O mesmo precisa de atividades que faça correlação com os campos: social, histórico cultural e político. Essas que proporcionam uma formação consistente existente no meio educacional. A escola. Afim de que o estudioso ou apenas o estudante tenha vitalidade sistematizada na instância da escola. Assim, “a leitura significa o exercício da decodificação e codificação mecânica, da repetição (através da interpretação textual, da redação, da memorização).” Matêncio (1994 apud Maia, 2010, p. 32).

No que se promulga a respeito da competência e habilidade que os alunos necessariamente devem ter ao final de cada série ou no final de cada etapa do ensino fundamental para o ingresso no



ensino médio, preparando-se já para o mundo do trabalho designa uma racionalização maior a respeito da língua, bem como outros campos da aprendizagem. Localizando que ler é conhecer o interno e o externo, simplesmente pelo ato da leitura, Foucambert (1994, p. 50 apud Maia, 2010, p. 33) observa e ressalta que: “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”.

É, pois, no espaço da sala de aula que as condições convêm para o exercício eficaz do trabalho com a formação do aluno cidadão. Mesmo com precariedades, a mesma disponibiliza oportunidades e recursos conforme a condição de cada órgão para a execução da leitura como meio de informação para o aluno leitor. Porém a mesma por si só não forma leitores.

É importante ressaltar que a leitura acontece de várias formas não somente a partir de textos escritos, para Martins (1991, P. 66 apud Porto, 2009, p. 25):

A leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites, que não depende somente da decifração de sinais gráficos, mas de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que ele possa relacionar seus conhecimentos prévios com o conteúdo do texto e, assim, construir sentidos.

Alguns tipos de leitura

Existem formas de linguagem diferentes, seja ela verbal, sonora, tátil etc., elas podem ser usadas na prática da leitura, pois segundo Martins (1991, p. 66 apud Porto 2009, p. 25) “a leitura é um processo de compreensões formais e simbólicas, não importando por meio de qual linguagem”. Tudo o que lemos, observamos e ouvimos colabora para o processo de ensino-aprendizagem, independente



de ser um livro, jornal, revista, gibi, horóscopo, música ou filme todos esses trazem ensinamentos, até mesmo na “leitura passatempo”. Na revista Na Ponta do Lápis Magda Soares expõe:

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real.

É muito importante que o professor trabalhe os tipos de leitura com seus alunos, para que se tornem leitores competentes, ensinando-os que podemos compreender algo não só mediante a linguagem verbal, mas através da não verbal como é o caso da leitura que envolve sons e imagens.

Como já foi mencionado, a leitura pode acontecer por meio de linguagens distintas. A primeira forma ensinada na escola é a leitura mecânica, que consiste na decifração de códigos e sinais, outra forma é a que Paulo Freire denominou leitura de mundo essa, diferentemente da mecânica, é um processo continuado, se trata de uma análise profunda das coisas que nos cerca sem preocupar-nos exclusivamente com o escrito. A leitura de mundo começa muito cedo e não inicia na escola, ela vai além do que é ensinado nas aulas de Língua Portuguesa, acontece, sobretudo, a partir do que é possível ver, ouvir, sentir e tocar.

A terceira forma de leitura e, talvez, a que requer maior bagagem cultural é a leitura crítica, essa se volta para a criticidade, é feita a partir da junção da leitura mecânica à de mundo. Esses tipos de leitura englobam os tipos de conhecimento citados anteriormente.

Para se tornar um leitor crítico, o aluno precisa ler diariamente e associar o que está lendo com seu conhecimento prévio. A competência leitora é um processo continuado, quanto mais se ler, maior se torna a capacidade de inferência, pois Silva (2009, p. 34) diz que “ser um leitor crítico não é resultado de dom, mas de aprendizado”. E Jean Peaget completa: “A aprendizagem é um processo que



começa ao nascer e termina ao morrer”.

É fácil percebermos o papel que a leitura desempenha em nossa sociedade, basta imaginarmos um mundo sem ela, sendo assim, faz-se necessário a união entre família e escola para o incentivo a prática da leitura, pois no processo de aprendizagem, antes mesmo da alfabetização, a família deve atuar como base de incentivo, já a escola precisa dar continuidade a esse processo sendo motivadora do saber, tendo uma equipe de professores formados e capacitados como fonte de auxílio para o aluno. São de extrema importância as intervenções da família e, sobretudo, da escola, já que a maioria das crianças não tem o devido contato com a leitura em seu ambiente familiar.

A influência da leitura no exercício da escrita

Sabendo que a leitura abre horizontes ilimitados ao ser humano, há que se considerar sua imprescindível importância para a qualidade da produção textual escolar. A leitura surgiu depois da escrita, mas, atualmente, é praticamente impossível realizar algum tipo de produção textual sem termos em mente o conhecimento prévio adquirido por meio dela. Não podemos falar de leitura e escrita separadamente, pois uma tem influência sobre a outra.

É comum ouvirmos de muitas pessoas que não gostam de fazer redação ou que têm muita dificuldade de organizar suas ideias e colocá-las no papel. Na realidade ninguém fala daquilo que não conhece, um texto coeso e coerente depende muito do nosso nível linguístico, já que a produção textual não é um aprendizado isolado. Freire (1996) nos lembra que a leitura do mundo precede a palavra, isso nos mostra que a aquisição da escrita depende exclusivamente da aquisição da linguagem, essa que é adquirida pela própria leitura.



A família no incentivo à leitura

Todo comportamento dos filhos é um reflexo do comportamento dos pais. Nos dias atuais, é uma raridade o aluno chegar à escola acompanhado do hábito pela leitura, isso acontece, principalmente, porque no ambiente familiar não foi dado o exemplo, normalmente os pais não controlam o tempo dos filhos e eles acabam se envolvendo com a tecnologia esquecendo que precisam também se dedicar as tarefas escolares.

Despertar o interesse pela leitura requer comprometimento e paciência por parte dos pais. A contação de histórias é um fator que ajuda, desde cedo, a ter o gosto pela leitura, mas esse é um hábito que está se perdendo paulatinamente. Os pais muito ocupados com seu trabalho preferem comprar histórias prontas em forma de DVD a contá-las. Não é que os recursos tecnológicos não ajudem, mas nesse caso, a criança ou jovem desperta o desejo de assistir, mas a curiosidade que os pais despertam quando contam uma historinha para seu filho e o exemplo de bom leitor fica para trás.

É sempre mais fácil despertar o gosto pela leitura quando os pais já são leitores, mas não é preciso que o seja para poder estimular o desejo pelo ato de ler, pois da mesma forma que existe vários tipos de leitura, há também diversas formas de incentivar a prática da mesma.

Os PCNs para Educação Infantil tratam do “ambiente alfabetizador” segundo o mesmo “um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nos quais as crianças têm a oportunidade de participar”. (1998, p. 151).

Se alguém da família tiver paixão pela leitura com certeza irá instigar a criança ou adolescente a ler. Mesmo trabalhando a semana inteira é importante que os pais se dediquem no final de

semana a arte ler com seus filhos, mas o que acontece é que a maior parte dos adultos não tem o hábito da leitura, isso acaba gerando um grande problema, já que as crianças e jovens seguem mais o que os pais fazem do que o que eles dizem.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 nos termos do Título II- Dos Princípios e Fins da Educação nacional em seu art. 2º impõe: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

No processo de formação de leitores competentes a intervenção de família é indispensável, mas isso acontecendo ou não é atribuída à escola a missão de educar.

O ensino da leitura na escola

Ao discorrermos sobre esse tema será enfatizado o que é a escola bem como a sua função. A escola é o espaço que tende a dar aos indivíduos que a ela frequentam os elementos básicos para a consciência plena da vida. Sua finalidade é levar o aluno a ter uma visão ampla sobre as coisas do mundo que o cerca, compreendendo que “o meio, o caminho para chegar ao objetivo do ensino não é outro que o ensino mesmo. Heiland (2010, P. 89).

Diante da missão que a escola tem a desempenhar, percebemos que ela tem um nome a zelar e “não é digna desse nome quando se limita a ser um estabelecimento onde se ensina uma quantidade menor ou maior de conhecimentos particulares e exteriores. A escola só pode ser escola quando estiver impregnada por vivências e espiritualidade que envolvam e transfigurem todas as coisas” Heiland



(2010, p. 90).

Solé (1988, p. 32) afirma que “um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente”. A escola, atualmente, é palco de muitas dificuldades, mas não deixa de ser uma das maiores responsáveis pela promoção do saber, cabendo a mesma o uso de estratégias eficazes a fim de sanar com os problemas existentes. Ela precisa mostrar que para agirmos com autonomia na sociedade letrada a aquisição da linguagem é primordial e que, quanto estabelecimento de ensino, é sua função formar leitores competentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB, Nº 9394/96 20 de dezembro de 1996) nos termos constantes no Título I- Da Educação-, em seu art. 1. coloca o seguinte:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Em seu Título II- Dos Princípios e Fins da Educação Nacional- Art.3 “inciso I: igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; e “inciso II: liberdade de aprender ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”.

Apesar da missão de educar com responsabilidade, é comum observarmos escolas com modelos de aulas ainda muito tradicionais e sem sintonia entre as disciplinas ensinadas, requerendo inovação e bons procedimentos metodológicos para o objetivo que se tem para com o ensino da leitura seja atingido. Sobre esse caso Solé fala:



O problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é leitura, na forma em que é avaliada pela equipe de professores do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para fortalecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

Maia e Scheibel (2006, p. 60) comentam: “Na maioria dos casos, os currículos escolares são formados por um conjunto de disciplinas isoladas, que contêm em seu bojo valores mais ou menos destacados entre si”.

Scheibel (2006 apud Maia e Scheibel, 2006, p. 60), em seu artigo *Função social do ensino e suas implicações didático-pedagógicas*, aborda as seguintes questões:

Qual é o papel social da escola? A Escola é responsável pela promoção do desenvolvimento do cidadão, no sentido pleno da palavra então, cabe a ela definir-se pelo tipo de cidadão que deseja formar, de acordo com a sua visão de sociedade. Cabe-lhe também a incumbência de definir as mudanças que julga necessário fazer nessa sociedade, através das mãos do cidadão que irá formar. Quando a escola se define e atua por um conceito de sociedade democrática, plural e justa?

Definida a sua postura, a escola vai trabalhar no sentido de formar cidadãos conscientes, capazes de compreender e criticar a realidade, atuando na busca da superação das desigualdades e do respeito ao ser humano.

Quando a escola assume a responsabilidade de atuar na transformação e na busca do desenvolvimento social, seus agentes devem empenhar-se na elaboração de uma proposta para a realização desse objetivo. Essa proposta ganha força na construção de um Projeto Político- Pedagógico.

A leitura, quanto objeto de conhecimento, é, verdadeiramente, o aspecto que merece maior destaque na escola, pois dela depende a aquisição da linguagem e a escrita correta. Maia e Scheibel (2006, p. 60) descrevem:

Uma escola que tem como objetivo estimular e desenvolver a cidadania deve proporcionar



aos seus alunos situações em que eles tenham oportunidade de adquirir valores e conhecimentos básicos para a vida na sociedade contemporânea. Deve promover atitudes e habilidades necessárias para que o aluno venha a participar plena e efetivamente da vida política, econômica e social do País.

O aluno que não é incentivado à leitura desde cedo e, sobretudo, nas séries iniciais do Ensino Fundamental II, provavelmente terá maiores dificuldades no desenvolvimento da aprendizagem à medida que se avança na escolaridade. Por essa razão é papel também da escola preparar o aluno para a obtenção do conhecimento, já que conforme a Teoria Cognitiva de Jean Peaget um conhecimento só poderá ser adquirido se o indivíduo estiver preparado para recebê-lo, se puder agir sobre o objeto de conhecimento para inseri-lo em um sistema de relações.

A preocupação da escola não deve está centralizada no que está sendo ensinado, mas como está sendo ensinado, pois na maioria das vezes o conteúdo é transmitido, mas o aluno não consegue desenvolver suas competências e habilidades. Nesse sentido, Maia e Scheibel expõem:

A função social da escola é ajudar a realizar o processo de construção do conhecimento, cujo ponto de partida sempre é uma visão global, difusa, que funcionará como uma oportunidade de o professor contextualizar o ensino, isto é buscar com e no aluno os conhecimentos prévios que este tem sobre o tema enfocado (contextualização / problematização).

AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DESEMPENHO DA LEITURA EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESPECIAL NO 6º ANO.

É comum ouvirmos da maior parte dos alunos que detestam ler e através da observação direta de aulas de Língua Portuguesa, percebemos que esse fator é o que provoca dificuldades em expressar a fala e a compreensão e produção de textos. A precariedade na leitura é gerada, principalmente,



pela pouca motivação por parte dos pais e, na maioria das vezes, na própria escola observa-se descaso por parte dos profissionais da educação.

Mesmo sabendo que a leitura é de suma importância para o desenvolvimento intelectual, o número de pessoas que a desprezam é alarmante. Levando esse caso para a sala de aula, um diagnóstico feito em turmas do Ensino Fundamental II em especial no 6º ano mostra que os alunos, a pesar de estarem nessa série, apresentam graves problemas em relação à leitura. Os poucos que sabem ler não conseguem inferir sobre o que leem, demonstram desinteresse pelo aprendizado quando sentem sono, preguiça, cansaço e agitação, não leem com desenvoltura e são incapazes de escrever um texto de sua própria autoria. Há outros, porém, que são desestimulados com a prática da leitura por fatores, como desestruturação familiar, tem seus pais alcoólatras, separados, agitados, analfabetos e que não acompanham o desenvolvimento escolar de seu filho.

Há em muitos alunos uma falta de interesse pelo aprendizado, pois mesmo estando dentro da escola não consegue sair do ambiente que deixou fora, como o uso de recursos multimídias, a sexualidade, a precariedade alimentícia, a carência afetiva e a dificuldade de interação. Por necessidade de condições concretas a fim de desenvolver as habilidades oral e escrita nos alunos, o professor é aderido na escola como protagonista do saber, sendo-lhe atribuído o papel de formar crianças e jovens por meio de ensinamentos, comportamentos e exemplos de vida.

A educação não acontece sozinha, mas diante da problemática existente no que diz respeito a leitura e escrita, os grandes formadores de leitores e escritores, na sala de aula, hoje, são os professores. Eis o desafio.

FORMAR LEITORES: UM DESAFIO DO PROFESSOR NA SALA DE AULA.



Em meio às mudanças ocorridas na sociedade moderna onde muitos pais não se dispõem mais a incentivar seus filhos à leitura e esses se encontram influenciados pela mídia, o papel do professor se torna ainda maior, requerendo muito empenho, dedicação e responsabilidade.

Professor: um elo entre o aluno e o conhecimento

Dentro da estrutura formal da escola, o professor é mais que uma das partes que compõe o sistema educacional, uma vez que o mesmo exerce poder junto com os estudantes na sala de aula. Influencia seus alunos, aprende com eles e troca experiências num processo de interação social constante. No processo de ensino- aprendizagem não se restringe apenas a transmissão de conhecimento. O que capacita o aluno a aprender a ler e tomar gosto pela leitura são as diversas formas de abordagens dos problemas e não somente a transmissão de conteúdos. Um professor que simplesmente segue um modelo ou padrão, direciona suas aulas, indica todos os caminhos e não impõe desafios impede a construção do conhecimento. É necessário que o professor “prepare o terreno” para que seus alunos caminhem sozinhos, estabelecendo uma relação pautada no prazer de ensinar e o aluno aprender. Freire (1996, p.29) diz:

A importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e ideias inertes do que um desafiador.

Um dos aspectos relacionados à leitura na sala de aula ou leitura na escola remete-se a uma



das mais marcantes características do ofício do professor: “ser um professor leitor”. Lajolo (1993 apud Maia, 2010, p. 37) enfatiza: Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. A familiaridade com uma variedade de textos, a maturidade enquanto leitor, os significados já construídos, a própria história de leitura constituem condições primordiais para o seu desempenho de mediador da relação de diálogo entre leitor-texto e ambos aos diferentes livros.

A sala de aula deve oferecer um espaço que possibilite a aprendizagem com prazer, onde o aluno tenha contato com os mais variados tipos de textos. No caso dos alunos que tem pouco contato e apresentam dificuldades com a leitura e escrita, o professor torna-se uma referência, bastante importante. O mesmo deve assumir o papel de leitor na sala de aula. O aluno precisa ver o professor como leitor frequente, que ler com prazer e faça-se sentir vontade de ler, porque descobriu a função e o significado da escrita.

A ação de ensinar deve acontecer de forma natural e sem cobranças, isso facilita e é possível acontecer quando o professor não precisa impor nada por já ser um profissional ético. O exemplo pessoal é eficaz para mostrar valores, pois acima de tudo a pessoa que educa não deixa de ser humana. Como diz o ditado popular “o exemplo vale mais que mil palavras” o educador deve mostrar os diversos caminhos, trilhando seu próprio caminho.

Freire (1996, p. 28) diz:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

É na escola que o professor irá ensinar as coisas que os alunos irão fazer fora dela; por inter-



médio do professor o a aluno usa o que aprende na escola para participar da sociedade.

Para desenvolver os comportamentos leitores e o gosto pelo ato de ler é função do professor começar ensinar aos alunos desde cedo, iniciando pela Educação Infantil e permeando durante toda a vida escolar a fim de se torná-los adultos leitores, pois o ensino fundamental compõe, juntamente com a educação infantil e ensino médio, o que a Lei Federal nº 9.394, de 1996 Art. 22– Lei de diretrizes e Bases- nomeia como educação básica e que tem por finalidade: “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. De acordo com a LDB nº 9.394/96 nos termos constantes na Seção III- Do Ensino Fundamental em seu Art. 32, o ensino fundamental no Brasil tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante:

- I- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo;
- II- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Sem sombra de dúvidas, a educação só acontece quando se tem um verdadeiro compromisso com ela, quando o professor reflete sobre seu papel e conseqüentemente, com sua prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Freire (1996, p. 43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O incentivo à prática da leitura é um processo que deve iniciar no leito familiar e permear durante toda a vida escolar do educando. O problema é que a maioria dos alunos que a escola recebe não foi ensinada desde cedo a criar o gosto pelo hábito de ler. Educar não é uma tarefa fácil depende de vários fatores, mas, sobretudo, da parceria entre família e escola, pois o professor sozinho é incapaz de formar bons leitores. Quando o aluno não é incentivado em seu ambiente familiar a escola acaba ficando sozinha com o desafio de educar, e, sabe-se que nem sempre ela consegue.

Assim, o estudo para este trabalho tornou possível a compreensão de que há uma enorme necessidade de fazer da sala de aula um ambiente acima de tudo incentivador referente à problemática existente. De modo a considerar a leitura uma convenção essencial para interligar o aluno ao mundo que o cerca. Mesmo que a família não seja um ambiente alfabetizador, cabe aos professores, principalmente os que lecionam Língua Portuguesa suprir com essa carência, promovendo atividades que estejam ligados a realidade dos educandos e que consigam despertar o desejo de aprender quanto elemento básico para a formação de leitores competentes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES Irandé. Aula de Português: Encontro e Interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL, Referencial Curricular Nacional par a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

CENPEC, Na Ponta do Lápis. - nº 22,43 pág., ago, 2013).



CURY, Augusto. Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. – Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa. 5ª ed- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Professora Sim; Tia Não Cartas a quem ousa ensinar- São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

HEILAND, Helmut. Friedrich Fröbel- Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massangana, 2010.

LDB. Lei de Diretrizes e Bases. Nº 9394/96 Editora do Brasil S/A. Brasília, dezembro de 1996.

LENZA, Bernadete. Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. - São Paulo: Editora Sol, 2011.

MAIA, Christiane Martinatti; Scheibel, Maria Fani. Didática: organização do trabalho pedagógico- Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.

MAIA, Joseane. Literatura na formação de leitores e professores. – São Paulo: Paulinas, 2007.

MANZALLI, Maurício Felipe. Metodologia do trabalho Acadêmico. – São Paulo: Editora Sol, 2013.

NASPOLINI, Ana Tereza. Tijolo por Tijolo: Prática de ensino de Língua Portuguesa. –2. ed. São Paulo: Editora: FTD, 2009.

PIETRI, Émerson de. Práticas de Leitura e Elementos Para a Atuação Docente – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PORTO, Márcia. Mundo das ideias: um diálogo entre os gêneros textuais- Curitiba: Ayamará, 2009.

SILVA, Vera Maria Tieztmann. Literatura Infantil Brasileira. Um guia para professores e promotores de leitura. - 2. Ed. – Goiânia: Câne Editorial, 2009.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.